

# MEMÓRIAS AFRO-BRASILEIRAS INSTITUCIONALIZADAS. TENTANDO LER EXPOSIÇÕES DE MUSEUS E SEUS PERIÓDICOS\*

Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha\*\*

As pesquisas que realizo, no âmbito do doutorado em História da PUC de São Paulo, foram geradas a partir de reflexões ao longo dos últimos anos, em que venho trabalhando com questões relativas ao patrimônio cultural afro-brasileiro e ao processo de sua patrimonialização. Ou seja, o processo de musealização de indícios de memórias da presença de africanos e seus descendentes no contexto do que identificamos como “cultura nacional” brasileira, na perspectiva de pensarmos em culturas brasileiras.

Tornou-se patente, nessas reflexões, a necessidade do tratamento desses indicativos de memórias considerando-se e respeitando-se, para melhor compreensão, suas historicidades, bem como construções teóricas e conceituais sobre a questão, incluindo-se as abordagens historiográficas sobre o tema, a configuração de um discurso oficial e intelectual sobre essas permanências culturais, suas interrelações e integrações à chamada cultura nacional. Entendendo-se que os processos de constituição de identidades ocorrem em jogos de afirmações, negações e negociações de valores, que permeiam o ideário social, as instituições e seus veículos de produção/divulgação de conhecimentos são responsáveis pela propagação/sedimentação de idéias e conceitos/pré-conceitos, ler na contramão o entendimento desse ideário produzido oficialmente é fundamental, quando se deseja transformar e ampliar imaginários para maior diversidade das possibilidades de reflexão sobre a pluralidade cultural e a dinâmica das identidades.<sup>1</sup>

Essa discussão deve ser conduzida através da análise de que modo, ao longo de tempos, determinadas categorias e idéias contribuíram para o processo de preservação, distorção ou exclusão dessas culturas, refletindo-se sobre o Patrimônio e sua importância enquanto elemento norteador de identidades e construção de imagens sobre nações e memórias daí decorrentes, pensando ainda nas imagens e conceitos como norteadores das políticas patrimoniais. Nesse contexto, devemos identificar quais são os *espaços de memória*

relativos às culturas africanas e afro-brasileiras entre nós, quais as estratégias utilizadas até então para a preservação ou mesmo a negação das referências acerca da participação do negro na formação da “cultura nacional”, da “sociedade brasileira”, suas idéias, seus traços definidores e essenciais.

A constituição da convencional sociedade brasileira é marcada, em toda a sua historicidade, por desejos de apagar, ou ao menos atenuar, elementos culturais alienígenas ao quadro de referências culturais ocidentais européias, dispostas como definidoras de nosso padrão cultural, marcadamente voltado para práticas e representações de branqueamento. Esse processo envolveu seleções, manipulações e negações, no qual memória e esquecimento dialogaram em jogos, onde diversos mecanismos oficiais foram acionados e utilizados, entre eles instituições como a escola, os arquivos e os museus, nos quais a monumentalização da cultura esteve baseada na exaltação de modos de ser, viver e lutar de culturas européias, em detrimento de culturas indígenas e africanas, tão fundamentais na formação de nossos sentidos, saberes, experiências, sensibilidades e desejos, bases da construção da nossa personalidade enquanto nação marcadamente mestiça, porém negada em nome de uma superioridade e excelência da cultura européia.

O surgimento do Brasil enquanto nação *livre*, implicou a (re) construção de imaginários e referências que a sustentassem e justificassem como tal, sendo criados espaços de sistematização de conhecimentos no Brasil e sobre o Brasil, definindo-se cenários, atores / coadjuvantes e enredos para a obra que se inaugurava: a nação brasileira. Destacam-se nesse projeto os Institutos Geográficos e Históricos, as Escolas de Direito e Medicina, como os Museus, que, enquanto centros de apoio a pesquisadores estrangeiros e nacionais em busca de elementos ilustrativos para as etnocêntricas teorias evolucionistas da época e da apresentação de um Brasil como laboratório confirmador de tais teorias, afirmaram-se como espaços em que o perfil do Homem Brasileiro deveria ser estudado, definido, classificado e apresentado.

Nesse processo de construção das imagens de uma nação brasileira, notadamente no século XIX e primeiras décadas do século XX, tempos plenamente influenciados por idéias positivistas, com ênfase no pensamento evolucionista e eugênico, em projeto de construção de identidades nacionais através de patrimônios locais, mas com a importação de valores externos, baseando-se em conceitos tradicionais de História e Arte, fica evidente a dificuldade de introdução, no rol dos elementos componentes desse patrimônio, de elementos da cultura material de povos considerados “primitivos”, “sem história” e “sem arte”, segundo as idéias da época. Opera-se, então, nas políticas patrimoniais e no imaginário delas decorrentes, a exclusão da cultura material de determinados grupos, como africanos e afrodescendentes, por exemplo. Muniz Sodré afirma:

(...) o escravo configurava-se como um empecilho ideológico à higiene e à modernização. Discursos de diferentes procedências sociais colocavam-no lado a lado com miasmas e insalubridade. Na realidade, além da condição escrava, o próprio homem negro – que já havia sido excluído, por ocasião do Pacto Social implicado no Movimento da Independência, da composição de classes que constituiria, na visão do Estado, o controle da Nação brasileira – recebia conotações negativas de parte do corpo social. Escravo e negro eram percebidos, na prática, como a mesma coisa. (...) o antigo escravo era alguém a ser afastado – e, junto com ele, as aparências de pobreza, de hábitos não “civilizados”, de questões sociais graves.<sup>2</sup>

Uma Nação, como toda instituição, implica a existência de um patrimônio simbólico e material, apresentando-se, desde o início, no caso do Brasil, questões conflitantes, relacionadas às bases da formação da sociedade brasileira e sua história colonial. Marcado pela empresa escravagista e pela presença maciça de africanos nas práticas culturais e no contingente populacional, e ainda do índio, o Brasil trouxe à tona o problema de construção de uma imagem e um projeto baseados nos paradigmas referentes à civilização europeia, com a impossibilidade, ou grande dificuldade, da execução desse projeto devido à presença de matrizes culturais barbarizadas e racializadas, consideradas inferiores e incivilizáveis, segundo os teóricos mais radicais.

Analisando discursos de jornais do início do século XIX, Jéferson Bacelar constata que o negro é abordado na perspectiva de inferioridade, criminalidade, desorganização familiar, desejos imorais, religiosidade “bárbara”, incivilidade.<sup>3</sup>

A uma cultura branca, dita superior e civilizada, com raízes europeias, opunha-se a cultura indígena-autóctone e negra-transplantada, representadas por indivíduos considerados inferiores, selvagens e bárbaros. Construíram-se discursos e práticas através do confronto de forças e do estabelecimento de estratégias de controle e regulação para atenuar o problema, tentando a definição de traços culturais de origem europeia, “civilizados” e “civilizadores”, como os hegemônicos na cultura brasileira, padrão a nortear, então, as ações e os programas culturais e preservacionistas no Brasil. Resultou daí uma grande preocupação com o controle da produção e difusão cultural, entendidas tais manifestações como termômetros e indicadores do grau de civilidade da nação em projeção.

Para entender as questões relacionadas às formas de representação da cultura de afro-descendentes e sua preservação, devemos analisar elementos que constituem e fazem parte da dinâmica do patrimônio e suas representações, sem perder de vista que essa construção está subordinada à construção de uma imagem nacional, baseada na idéia de desenvolvimento e progresso. Decorre daí um diálogo com representações de passado e presente, tradição e modernidade, memória e esquecimento, cultura popular e cultura erudita, além de outras polarizações, sendo necessário sempre enfatizar que esse é um processo dinâmico e dialético, onde a luta pelo controle de capitais simbólicos e sua

preservação, através da cultura material, estabelece-se como pano de fundo e elemento articulador para as ações empreendidas no âmbito das relações de poder e controle social, no qual destacam-se a exclusão, a invisibilidade e a inaudibilidade ou adaptação de elementos culturais considerados fora dos padrões almejados por uma sociedade ávida por branqueamento, no desejo de identificação com elementos da cultura ocidental etnocêntrica, dita civilizada e moderna.

Na impossibilidade de exclusão total das referências afro da cultura brasileira, estratégias diversas foram constituídas para dissimulá-las, como, por exemplo, a folclorização e fetichização da cultura de afrodescendentes no contexto da cultura brasileira. Sendo definidos lugares específicos para tais expressões culturais e ação dos seus agentes, sistematizando-se a cultura, estratificando-se indivíduos, manifestações e testemunhos, valorando-os a partir de padrões, paradigmas e estereótipos, também foram produzidas tipologias diferenciadas de locais de preservação, surgindo espaços alternativos para expressões consideradas à margem ou mesmo fora do nível que se pretende estabelecer para a qualidade da “cultura nacional”. Logo, categorias como folclórico e etnográfico acabaram esvaziando-se de sentido coerente, sendo pontos de direcionamento de tudo aquilo que pretendeu estar fora do foco da cultura oficial, entendida como a de maior representatividade cultural. Foi destinado o terreno do folclórico para a produção dita popular, no sentido de inferiorização, menor valor, que a idéia de cultura popular, associada basicamente a negros e pobres, passa a ter, quando comparada, de forma parcial e interessada, com a cultura escolar e erudita, de herança européia e notadamente branca.

Nessas relações de forças, tornaram-se os museus espaços privilegiados de reunião de objetos da cultura material, abordando determinados temas, explicitando idéias e visões sociais sobre os mesmos, buscando, também, forjar e transmitir idéias, produzir conhecimentos, sendo as suas exposições ferramentas de grande importância para a formação de um imaginário plausível, ao apresentarem conceitos sobre a sociedade e os grupos que a compõem, suas características e traços históricos, sempre utilizando objetos da cultura material como bases essenciais desse processo de comunicação e de preservação de tradições constituintes das raízes culturais e suas transformações. Nos museus, exercitam-se os jogos de simulações e interesses contidos no processo de preservação da Memória e do Patrimônio, exercício ideológico utilizado para a afirmação de idéias relativas à cultura e aos diversos grupos culturais.

Ao falarmos de museus e suas representações temos de incluí-los no universo da cultura e de suas dinâmicas, temos que pensar na construção e apresentação de patrimônios, memórias e suas estratégias de lembrança e esquecimento, nas imagens construídas acerca da produção cultural e dos lugares sociais historicamente construídos e determinados. Pensar

no estudo sobre as formas de representação das culturas de afrodescendentes através de exposições museológicas implica, principalmente, pensar nos lugares historicamente definidos para os indivíduos implicados nessa cultura, urgindo, também, que pensemos na história da construção desses lugares. Expor é revelar, comungar, evidenciar elementos que desejam explicitar, e nesse sentido, a exposição caracteriza-se também como espaço de exclusão, ocultamento e seleções, produzindo silêncios e omissões. As exposições traduzem narrativas, por meio de imagens, referências espaciais, interações, não somente pelo que se expõe, mas inclusive, pelo que se oculta e dissimula.

Não lemos ou visualizamos, na maioria das exposições, uma abordagem que enfatize as características básicas das culturas, apontando suas continuidades ou rupturas nos tempos, espaços e relações, as dinâmicas das articulações entre seus elementos componentes e produtores, ou mesmo as incorporações historicamente realizadas, ressaltando suas contribuições à cultura contemporânea.<sup>4</sup> No caso específico, nas exposições apresentadas no Brasil, basicamente o que vemos são as imagens relativas ao negro escravo, negro capoeira, suas práticas religiosas, são as que mais têm sido exploradas, deixando-se de lado várias outras possibilidades de leituras e enfoques, como as organizações civis afro-brasileiras, as produções de artes plásticas, os fazeres musicais, as comunicações e transmissões, as práticas de resistência e reinvenções, preservação e reatualização.

É na perspectiva do exótico que, na maioria das vezes, são apresentadas outras expressões culturais de origem ou inspiração africana, através do viés da surpresa, do estranhamento, da atração turística e folclórica, monetarizada e transformada em mercadoria, como a música, a dança e mesmos os corpos dos negros, que passam à qualidade de objetos de atração fetichizada. Por outro lado, no que diz respeito à presença do homem africano e seus descendentes, o enfoque, quando existe, limita-se a falar de um negro escravo, sofredor, esvaziado de personalidade, uma “peça”, apenas braços e pernas que plantaram e propiciaram o enriquecimento metropolitano. Desaparecendo, em seguida à abolição, como se o mundo do trabalho tivesse se embranquecido, volatilizando a presença do negro, reafirmando-se a imagem: negro = escravo.

O negro africano passou a ser apresentado como apêndice, como um complemento, pois, excluída a possibilidade de sua mobilidade social, optou-se por torná-lo invisível. Se não há lugar para o negro bem-sucedido na sociedade brasileira, também não há espaço para ele nas exposições. Ou, melhor, há um lugar: aquele do negro capoeira, do negro maculelê, que responde a um ainda existente desejo de encontro com o exótico por parte do não negro.

Seria esse um problema exclusivo dos museus? A abordagem sobre africanos, afro-brasileiros e suas culturas ocorre de forma diferenciada em outros meios de produção,

transmissão e difusão de conhecimentos? Ou estão os museus sintonizados com a sociedade como um todo? Ou, ainda, as publicações de museus e outras instituições culturais relacionadas à construção de identidades e à preservação cultural, como Institutos Geográficos e Históricos e Centros de Pesquisa, ao longo do tempo, atualizaram seus discursos acerca das culturas africanas e afrodescendentes?

Neste projeto, pretendemos analisar exposições em museus que apresentem elementos das culturas afro-brasileiras, procurando, também, realizar leituras sobre a construção historiográfica acerca da presença do negro no Brasil, assim como o processo de patrimonialização e comunicação expositiva dessa presença através de exposições museológicas e periódicos. Pretendemos estabelecer diálogos entre fontes escritas e exposições museológicas, para traçar perfis dessas fontes e das exposições apresentadas, visando análises críticas que permitam uma síntese sobre a construção da memória dos afrodescendentes através de exposições museológicas e fontes historiográficas.

Nossas pesquisas partem de indagações como:

- Quais imagens (conceitos, categorias, etc) foram e são construídas no Brasil sobre as culturas de afro-brasileiros a partir de publicações e exposições museológicas?
- Quais estratégias expositivas e textuais foram e são utilizadas para a representação das culturas africanas e de afrodescendentes?
- Existem relações entre Historiografia/periódicos e Museologia/exposições na construção de referências sobre o universo histórico cultural afro-brasileiro?

A partir das questões apontadas realizaremos pesquisa para reconhecimento e a análise de exposições sobre perspectivas e valores de culturas afro-brasileiras, procurando construir referências à historicidade das instituições e suas exposições, além da análise de seus elementos expositivos e conteúdos apresentados. Complementa a pesquisa a análise de publicações de instituições culturais e centros de pesquisa, abrindo diálogos com conteúdos e abordagens temáticas recorrentes em seus artigos.

Como exercício desta proposta, apresentamos uma análise de textos publicados na *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, na década de 1950, sobre Teodoro Sampaio.

### *Uma tentativa de leitura: Teodoro Sampaio nas páginas da Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*

O ano de 1955 foi marcado pelo centenário de nascimento de Teodoro Sampaio, notável engenheiro baiano, mestiço, que se destacou como aluno da Escola Politécnica do Rio

de Janeiro e como elemento essencial e definidor para o urbanismo da cidade de São Paulo. Nesse ano, a Revista do IGHB, no seu volume 79, traz artigos em sua homenagem, dentre os quais selecionamos, para este exercício de leitura/interpretação, o artigo de João Ramalho da Silva, intitulado “Vida e obra do sábio Theodoro Sampaio”.

No artigo, percebe-se o tratamento com um tom que atribui um caráter extraordinário às suas competências e genialidades. Há, sempre, no discurso, a utilização de expressões que colocam Teodoro Sampaio na condição de exceção. Certamente, não se pode deixar de considerar o fato de esse personagem ter se destacado, em época e ambiente nos quais nenhuma ou quase nenhuma oportunidade era atribuída aos negros e seus descendentes. Mesmo assim, chama a atenção a forma como é tratada a competência do Teodoro, cabendo notar que, mesmo tratando-se de artigos elogiosos e comemorativos pelo seu centenário, existem, na sua escrita, comentários impregnados de preconceitos.

Sobre o seu nascimento, é afirmado:

Teodoro Fernandes Sampaio (...) teve seu berço ao sombrio ambiente de uma senzala e bebeu leite escravo. Nasceu em 1855, a 7 de janeiro, na antiga freguesia de Nossa senhora do Bom Jardim, município de Santo Amaro da Purificação, província da Bahia. Era mulato “carregado”, pelo lado materno provinha de africanos. Sua mãe, uma preta de nome Domingas da Paixão, fora escrava do Visconde de Aramaré, senhor do engenho Canabrava e chefe importante da família dos Costa Pinto do recôncavo baiano. (...)

O pai, sobre cuja identidade pesa o mais denso mistério, para o que muito concorreu a descrição do filho, era branco, e seria pessoa de algum recurso. Reconheceu o filho, e mercê do amparo que dele recebeu pôde Teodoro escapar ao cativo, aprender as primeiras letras na Bahia e iniciar os estudos de humanidade em modelar o estabelecimento de ensino então mantido e dirigido na Corte pelo notável humanista, orador sacro e educador também baiano, monsenhor José Joaquim da Fonseca Lima. (p. 28)

O texto revela e ilustra costume tão recorrente da época, o nascimento de mestiços, fruto de relações clandestinas ocorridas nas casas-grandes e senzalas, no caso, com o reconhecimento da criança. Na verdade, não o reconhecimento em si, mas a garantia de sustento, que permitiu a Teodoro o acesso a estudos e fugir à condição de escravo.

Sobre a mãe, João Ramalho da Silva não economiza palavras para descrever a sua beleza e caráter especial. Citando autor da época, que se refere a ela, afirma:

Carregando nas cores, exagerando algo nas comparações ousadas, Pimenta da Cunha, dá-nos dela as seguintes referências: “Domingas, a ama que servia no sobrado à família Costa Pinto e, nas dependências da sacristia da igreja do engenho ao capelão Canabrava, era graciosa e inteligente. Verdadeiramente bonita de rosto, elegante de forma trajava-se muito bem. Recordava um Cípris ou Marfo de azeviche ou ébano (...) a escrava donairosa, não possuía como Vênus, a deusa do amor, o cinto mágico e inspirador de paixões amorosas, tinha entre-

tanto, magia do porte e elegância tais que, se não estabeleceram o pomo da discórdia, agradavam aos que a viam, seduziam e atraíam os que lhe estavam próximos. (...) possuía pulsos finos e delicados, tornozelos esculturais, pés pequenos que mal tocavam ao solo.

Este que “mal tocava ao solo”, vai por conta da força de expressão. Quanto ao resto, porém, se exatas as informações em que se louvou Pimenta da Cunha, serve de fundamento para adiantarmos que Domingas da Paixão ser um belo tipo de mulher negra. O que, aliás, não constituía novidade nos sobrados das casas grandes. (p. 31)

Chama a atenção, no trecho citado, que todos os elementos de elogio à beleza da escrava Domingas passam por critérios que confundem seus traços físicos enquanto mulher africana. Expressões como “Vênus”, “pulsos finos e delicados”, etc. traduzem uma primeira impressão de que a beleza louvada seria considerada como tal exatamente enquanto negação de traços racializados em africanos, que, no louvor à sua beleza física, imbricam-se traços de personalidade e de caráter: “graciosa e inteligente”, “pés pequenos que mal tocavam o chão”, insinuando um modo de andar quase flutuante. Lemos nessa passagem, como em tantos outros artigos analisados, tendência à definição de beleza para africanos, lançando-se mão da negação dos seus traços fisionômicos, físicos. A mulher africana descrita afasta-se de um padrão/arquétipo estabelecido como negróide e aproxima-se de características encontradas entre brancos.

Mas essa leitura sobre o texto pode conter em si, também, uma armadilha, um risco, o de seguir o caminho que leva à idéia de africanos com traços “grosseiros”, “pesados”, sem levar em consideração uma diversidade imensa de tipos físicos e características fisionômicas entre os diversos africanos que para cá vieram, dos mais longilíneos e magros aos mais atarracados e fortes, diversidade que pode ser percebida ainda hoje ao observamos a grande variedade de corpos e rostos entre os afrodescendentes no Brasil.

Há a possibilidade de tais características terem sido citadas no texto, não exatamente por idealização, mas por corresponderem à negra Domingas, e aqui me lembro de um certo dia, no final do ano de 2002, quando, em companhia do Prof. Boubakar Barry, da Universidade Cheik Anta Diop, do Senegal, assistimos a uma apresentação do grupo Ori Axé, no Sesc Ipiranga, em que sua coreógrafa e dançarina fazia evoluções entre nós e os tambores. Terminada a apresentação e cumprimentando o grupo, o Prof. Barry afirmou: “Esta moça, ao dançar, flutua como um pássaro sob as águas do rio, me lembrando a mais importante das dançarinas do Senegal”. Algum tempo depois, desta vez no Senegal, também em companhia do Prof. Boubakar, tive a oportunidade de assistir a um espetáculo de dança no qual adolescentes da ilha de Gorée flutuavam sobre o solo em coreografias fééricas. Percebemos que a sensualidade e o físico foram elementos bastante valorizados e observados no momento de seleção das africanas da diáspora. O mesmo autor afirma, no texto:

Vê-se, diz-nos o sociólogo de Casa Grande e Senzala, pelos velhos anúncios de 1825, 1830, 1835, 1850, 1859, a definida preferência pelos negros e negras altas e de formas atraentes – “bonitas de cara e de corpo” e com “todos os dentes da frente”. O que mostra ter havido seleção eugênica e estética de pagens, mucamas e molecas para o serviço doméstico – as negras mais em contato com as brancas das casas grandes; as mães dos mulatinhos criados em casa – muitos deles futuros doutores, bacharéis e até padres. (p. 35)

No texto, é apresentada a trajetória escolar de Teodoro Sampaio até tornar-se um dos engenheiros mais importantes do país em sua época, sendo salientada a dificuldade de fazer-se doutor, sendo um negro em meio a uma sociedade de brancos, na qual a maioria dos alunos da Escola Politécnica era composta de brancos:

Dez anos de idade tinha Teodoro, quando deslocou-se do recôncavo com destino ao sul do país. Internando-se no Colégio São Salvador em 1865, aí concluiu os preparatórios em 1870 (...)

Em 1872 presta vestibular e ingressa na Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Com ele se matricularam duzentos e trinta outros rapazes. A parada é dura, e destes bem poucos chegam ao fim do currículo, pois que de apenas trinta e seis, se constituiu a turma diplomada em 1877 de que fez parte. A Politécnica, era o curso de maior fama no país. Mestres austeros e respeitáveis ali prelecionavam com vistas a um programa extenso e a uma disciplina rígida (...)

Para o jovem Sampaio, moço pobre, de tez pigmentada, o que em si já era uma desvantagem num meio social preconceituoso como era o nosso por aqueles meados do século XIX, as coisas haveriam de complicar-se ainda mais.

A começar pelo ônus dos estudos, pesado demais para quem, como ele, ainda não passava de “um negro com pretensões de ser doutor”. (pp. 39 e 40)

Chama a atenção o fato de, por duas vezes, o autor destacar a presunção e ousadia de Teodoro Sampaio ao escolher a carreira de engenheiro, de ser um “doutor”, mais uma vez destacando o seu estado de exceção entre os demais negros daquele momento. Ainda no início do texto, falando de Domingas, ele trata a questão:

Satisfazendo todos esses requisitos, a escrava Domingas gozaria de alguma regalia no solar dos Costa Pinto. E como tantas outras, teria um filho que no futuro também seria doutor. *E não um simples e presunçoso “doutor negro”*<sup>5</sup> mas um dos maiores homens em talento e estatura moral que produzirá o Brasil, a evidenciar mais um milagre da miscigenação de que foi laboratório fecundo a Bahia, terra de geniosas tradições históricas, berço fértil de intelectuais e estadistas notáveis. (p. 43)

O final do trecho acima traz uma afirmação bastante interessante, que relaciona a capacidade de Teodoro ao fato de ter nas veias sangue branco, “um milagre da miscigenação”. Seguindo a lógica da afirmação, poderíamos dizer que se fosse simplesmente

um negro, de pai e mãe, seria o Teodoro menos competente? Menos inteligente? Foi o “sangue” do pai que o tornou capaz?

Nesse sentido, sobre Teodoro Sampaio, o autor mais uma vez utiliza expressões que o colocam como uma exceção em relação aos demais afrodescendentes da época, correspondendo a um padrão social idealizado, agindo como um fidalgo, um branco brasileiro. Como em vários artigos, nesse encontramos a utilização de padrões comportamentais para medir e ler o parâmetro do indivíduo representado, dando inclusive a impressão de que tais comportamentos [gentileza, prudência, dignidade, “cultura”], por exemplo, inexistiam entre os africanos e afrodescendentes. Finalizando o texto, o autor afirma:

Acompanhando-lhe os passos desde o plano baixo da origem humilde e obscura até as altitudes himalaicas a que se elevou, mostramos o homem na trajetória iluminada da sua vida profícuca e triunfante. (...)

Para Gilberto Freire “um negro afidalgado”, Teodoro Sampaio era um “gentleman”. Prudência e dignidade eram o constante do seu espírito refletido no porte e na conduta, como se também nele “alma e corpo obedecessem ao mesmo, diapasão, no mesmo rumo sem discrepância ou disparidade de ritmo e movimentos”. (...)

Homem culto e respeitável, mas também simples, modesto e bom, o seu comportamento, como indivíduo, ser pensante e sociável, orientou-se por aquilo que Adam Smith classifica de “sentido estético da vida”.

(...) Por este aspecto podemos dizer que viveu filosoficamente, sendo mestre e sendo sábio (...). Não lutava a tacape. Esgrima com mãos enluvadas, como convinha aos verdadeiros fidalgos. (pp. 53 e 54)

Para encerrar esta tentativa de análise, na verdade o início do exercício de leitura que pretendemos realizar através desta pesquisa e buscando começar o diálogo proposto entre textos, utilizo palavras finais de um outro artigo, do mesmo ano de 1955, centenário de Teodoro Sampaio. Não farei nenhum comentário, apenas apresento o texto e deixo ao leitor o exercício da interpretação:

Quem poderia pressentir que aquele pequenino mestiço, quase negro, (...), viria a colocar-se honrosamente na galeria das grandes personalidades brasileiras? (...)

Antônio Osmar Gomes, em artigo publicado no “Jornal do Comércio” – Rio, em 8 – 1 – 1941 sintetiza a grandeza da vida de Teodoro Sampaio:

“Diante dele, no trato amigo com ele, a gente não lhe via a cor da epiderme porque só lhe sentia a forte atração, o suave encanto e a bondade comunicativa de um espírito elevado, de um coração sincero, de uma inteligência privilegiada.”<sup>6</sup>

*Recebido em março/2003; aprovado em junho/2003*

## Notas

\* Pesquisa de doutorado no Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP, sob orientação da Profa. Maria Antonieta Antonacci.

\*\* Museólogo e professor do curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia, mestre em Informação Estratégica pelo Instituto de Ciências da Informação da UFBA.

<sup>1</sup> Ver BENJAMIM, Walter. "Teses conceitos de história". In: *Obras Escolhidas*, v. 1, 3 ed., São Paulo, pp. 223 e seguintes, 1987; BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte, UFMG, 1998 (Coleção Humanitas); HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 6 ed. Rio de Janeiro, DP&A, 2001.

<sup>2</sup> SODRÉ, Muniz. *O Terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira*. Petrópolis, Vozes, 1988.

<sup>3</sup> BACELAR, Jeferson. *A hierarquia das raças: negros e brancos em Salvador*. Rio de Janeiro, Pallas, 2001.

<sup>4</sup> Ver WILLIAMS, Raymund. *Marxismo e literatura. Sobre práticas e sentidos de incorporações históricas e culturalmente situadas*. Rio de Janeiro, Zahar editores, 1979.

<sup>5</sup> Grifos meus.

<sup>6</sup> GARCEZ, Lucas Nogueira. O engenheiro Teodoro Sampaio. *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*. v. 79, pp. 61-70, 1955.